

NOVA ESCOLA BOX • SUGESTÃO DE ATIVIDADE: MACHADO DE ASSIS

Um Apólogo

Machado de Assis

NOVA | escola



Introdução

Um apólogo é uma narrativa de Machado de Assis, publicada inicialmente em 1896 no livro *Várias histórias*. O termo “apólogo” utilizado no título refere-se a uma narrativa curta que tem objetos inanimados como personagens centrais e traz uma lição moral implícita. Nessa narrativa, as personagens agulha e linha discutem quem delas é mais importante. É válido mencionar que a agulha começa a discussão provocando a linha sobre quem teria mais utilidade. A história se passa na casa da baronesa, onde as duas estão sendo usadas por uma costureira para fazer um vestido de seda que a baronesa usará em um baile. O texto é narrado em terceira pessoa, e quem traz a lição de moral ao final do texto é um alfinete muito experiente. Porém, no último parágrafo, o foco narrativo muda para a primeira pessoa e, em tom de ironia, há mais uma reflexão sobre o texto e a moral da história.

Quem foi Machado de Assis?

Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839 e morreu em 29 de setembro de 1908. Era filho de um pintor descendente de negros e de uma lavadeira branca portuguesa, e, apesar da origem humilde, ganhou notoriedade por sua obra que compreende romances, contos, poemas, sonetos, crônicas e crítica literária escritos entre 1870 e 1900. É reconhecido internacionalmente como um dos maiores autores de todos os tempos, seus textos são estudados dentro e fora do Brasil, ele influenciou muitos autores do século XX. Seus textos tratam de temas sociais universais, ambientados no século XIX, mas que ainda fazem parte do nosso cotidiano.

Um Apólogo

Machado de Assis

Fonte: ASSIS, Machado de. Obra Completa. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.

Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> A

Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por: Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/literat.html>)

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

E RA UMA VEZ uma agulha,
que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada,
para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com
um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na
cabeça. — Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha.
Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o
ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando... — Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Vio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Material para o professor: **A atemporalidade de Um apólogo** por Kátia Chiaradia

A discussão entre a agulha e a linha que acontece no conto Um apólogo coloca em destaque a situação de alguém que abre caminho para outras pessoas, sem usufruir das vantagens advindas do seu trabalho. No caso do conto, a agulha abre caminho para a linha entrar no tecido do vestido de cetim, mas quem vai ao baile com a baronesa é a linha que está costurando o vestido.

Em sentido figurado, pode-se dizer que isso ainda acontece em vários momentos na sociedade, pois nem sempre quem mais trabalha usufrui do fruto do seu trabalho. Por exemplo, podemos citar pessoas que trabalham na construção civil construindo mansões ou grandes edifícios de luxo. Esses operários não viverão nos prédios que construíram com tanto esforço e suor.

Por outro lado, o alfinete de Um apólogo afirma que não abre caminho para ninguém, e onde o espetam, ele fica. Há pessoas que não acreditam no potencial das outras, ou preferem não se desgastar e escolhem não ajudar ninguém quando poderiam fazê-lo. Esse pode ser o caso de alguém que presencia uma cena de violência e não se manifesta para ajudar a vítima, alegando não ser problema seu. No entanto, o problema sempre é de todos e pode ser resolvido com união e apoio.

Já aquele “professor de melancolia” da história, que diz que tem servido de agulha para muita “linha ordinária”, está admitindo que está sendo usado por outras pessoas. Esse fato também acontece hoje, quando alguém se deixa levar por fofocas e acaba espalhando fake news sem verificar a autenticidade dos fatos. Esse espalhador de fake news está sendo usado por alguém que criou a notícia falsa com o intuito de prejudicar outras pessoas.

Um apólogo fala de arrogância, de se aproveitar do outro, de se deixar levar por situações que não são o que parecem ser. Vale debater com os alunos sobre o assunto perguntando quais seriam os encaminhamentos sugeridos por eles que possibilitariam aprendizado com a situação.



KÁTIA CHIARADIA

Graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e história Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura nas escolas.

Sugestão complementar:
As roupas de antigamente

No passado, as roupas eram costuradas à mão, uma de cada vez. Atualmente as roupas são feitas em máquinas que cortam muitas peças de uma vez só e essas peças são costuradas em grandes quantidades.

Sugerimos conversar com os estudantes sobre as vantagens e as desvantagens de cada maneira de se costurar e vender roupas. O que seria a produção em série?

Material para o professor: Escola também é acolhimento

Em 1936, Charles Chaplin lançou um filme chamado *Tempos modernos*. Esse filme é considerado um clássico em preto e branco, antes do cinema colorido, e nem por isso deixa de ser atual.

Logo no início, o personagem Carlitos trabalha em uma fábrica apertando parafusos. Ele faz parte dos trabalhadores da linha de montagem.

Por se tratar de uma comédia, Carlitos envolve-se em pequenos problemas durante o horário de serviço e sofre com as consequências do trabalho repetitivo. Seu chefe é um cara durão que cobra muita produtividade, como se as pessoas também fossem máquinas.

Isso fica evidente no trecho em que o dono testa uma máquina automática de alimentação de funcionários para que eles demorem menos tempo se alimentando. Claro que a máquina quebra e quem a estava testando é o Carlitos. O filme todo é uma crítica ao processo de industrialização e aos donos de indústrias que querem obter cada vez mais lucros explorando a mão de obra dos operários.

No conto *Um apólogo*, dois objetos, uma agulha e um novelo de linha, ganham status de gente. Elas conversam, refletem, discutem, argumentam como se fossem pessoas. No filme *Tempos modernos*, por outro lado, as pessoas são desumanizadas e ganham status de peças de máquinas.

Que outras semelhanças ou diferenças os alunos podem indicar entre *Tempos modernos* e *Um apólogo*? E entre outros livros ou séries e *Um apólogo*? É um momento de conversa descontraída que pode ajudar na compreensão do texto e na aproximação entre o conto lido e a atualidade. O(A) professor(a) pode anotar os pontos importantes dessa conversa para serem retomados em outras propostas.

Saiba Mais: Sugestões de leitura para professores

Por que estudar literatura?

Vincent Jouve. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

Nesse ensaio, Vincent Jouve demonstra o papel imprescindível dos estudos literários porque eles participam da consciência daquilo que somos e incidem sobre a formação do espírito crítico, motor de toda a evolução cultural. Para ele, a literatura tem um valor específico que confere legitimidade aos estudos literários, porque o confronto com as obras enriquece nossa existência ao abrir o campo dos possíveis.

Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário

Délia Lerner. Trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

Para Délia Lerner, é fundamental apresentar os objetos de conhecimento aos alunos em sua complexidade, trazendo os saberes em sua integralidade e rompendo com simplificações e fragmentações. Em resumo, falamos que a aprendizagem progride por sucessivas reorganizações do conhecimento.



KÁTIA CHIARADIA

Graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e história Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura nas escolas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 14/03/2021.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. São Paulo/Rio de Janeiro, 2004 (4ª edição, reorganizada pelo autor). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4208284/mod_resource/content/1/antonio-candido-o-direito-a-leitura.pdf . Acesso em 14/03/2021.

CHIARADIA, Kátia. A BNCC e o campo de atuação artístico-literário: o espaço aos estudos literários no Ensino Fundamental. In **Revista Terceira Margem**, v. 25, n. 46 (2021). Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/36095>. Acesso em: 14/07/2021.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.



Este e-book é parte integrante do Especial **“Replanejando as Aulas de Língua Portuguesa”**, do **Nova Escola BOX** de Agosto. Fique livre para compartilhar com outras professoras e alunos, e caso queira conferir outros conteúdos para suas aulas, acesse no QR code acima ou **[clique aqui!](#)**

NOVA | **escola**

Produção de
conteúdo e
consultoria
pedagógica
**KÁTIA
CHIARADIA
E EDNA
FRANÇA**

DIAS

Diagramação
**DUDA
OLIVA**

Edição
**TORY
OLIVEIRA**

Ilustrações
YASMIN

